

NENHUM BRASIL EXISTE: CONTRADIÇÃO E DIFERENÇA NA CONSTITUIÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A IDENTIDADE DO BRASIL

Luciana Cristina Ferreira Dias*

Resumo: Com base na problemática das representações da identidade cultural do Brasil, enfocarei, neste artigo, uma análise discursiva da antologia de ensaios, dentro da esfera acadêmico-intelectual, *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*, organizada por João Cezar de Castro Rocha (2003) e produzida em face da comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. Considerando a materialidade linguística e histórica dessa produção intelectual, o trabalho busca pensar questões de identidade e diferença, na constituição da brasilidade, em meio ao discurso intelectual, tendo em vista: 1. os conflitos de uma identidade cultural brasileira vazia, lacunar, marcada pela falta que se completa no outro estrangeiro, e 2. a problemática tensão entre a memória do arquivo e o interdiscurso que desestabiliza a representação de unidade e concretude da obra, colocando em cena sentidos contraditórios inscritos na memória.

Palavras-chave: antologias de ensaios; memória; representações da identidade nacional.

INTRODUÇÃO

■ **E**ste estudo parte de uma preocupação com a construção de sentidos sobre a identidade nacional em uma antologia de ensaios de múltiplos autores publicada recentemente no Brasil, *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*, organizada por João Cezar de Castro Rocha (2003), um trabalho de caráter comemorativo em face dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

* Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

O foco de análise repousa na problemática da constituição da cultura brasileira a partir de uma produção intelectual-cultural como as antologias. Nesse aspecto, estamos levando em consideração que a antologia é um gênero discursivo que nos permite compreender o papel desempenhado pela literatura em uma cultura e época dadas ou ainda refletir sobre a construção do leitor, na representação político-cultural de literaturas nacionais ou regionais.

A antologia, ao construir representações da cultura brasileira em sua tessitura, nos exige fazer escolhas em termos de abordagem desse tema. Para tanto, buscarei compreender a categoria da *alteridade* discursivo-cultural em oposição à categoria da diversidade, a fim de relacionar as representações de Brasil com questões de identidade cultural (apud SERRANI, 2006, p. 98), considerando que a antologia organiza sentidos a partir de um trabalho com o interdiscurso e com identificações que jogam com a produção do inconsciente.

Tomando por base o conceito de discurso “como efeito de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1990b, p. 82), é válido pensar a respeito do efeito-leitor que as coleções produzem, o que, segundo Orlandi (1988, p. 103), “supõe uma relação de interlocução na construção dos sentidos”. Entre a dispersão e a coerência, entre a incompletude e a unidade, o locutor-organizador é autor responsável pelo arranjo da coleção de ensaios, aquele que lhe garante uma unidade ou, nos termos de Zoppi-Fontana (2007, p. 17), “o livro – em sua materialidade mais concreta – se apresenta como a unidade mais vasta”.

IDENTIDADE PARA A ANÁLISE DO DISCURSO: LUGAR DA DIFERENÇA

Na área das ciências humanas, podemos ressaltar os estudos focados na perspectiva da diversidade cultural, os quais relacionam a identidade individual à percepção consciente de si mesma ou identificam os indivíduos segundo elos de raça, nacionalidade, classe, cultura etc., agrupando-os conforme características que os tornam “iguais” por oposição aos “não iguais” (ênfase na distinção indivíduo/grupo social). Nesse tipo de abordagem, a análise recai na noção de contraste que implica o estabelecimento de características próprias de um dado grupo.

Com base numa visão discursiva, na análise de um material como as antologias de ensaios, trabalharei não com a *diversidade*, mas com um conceito mais amplo, o da *alteridade*, a partir de reflexões no quadro da análise do discurso (PÊCHEUX, 1988; ORLANDI, 1999, 2001; SERRANI, 1993). Sendo assim, a consideração da alteridade cultural do Brasil nos leva, diferentemente de estudos alicerçados na dimensão da diversidade, a pensar a respeito do inconsciente e da contradição como constitutivos e determinantes de toda cultura.

Se, nos termos de Serrani-Infante (1998), na abordagem da diversidade, a análise está baseada na comparação contrastiva das dessemelhanças entre um grupo e outro ou ainda na análise de traços comuns internos (individuais) relativos a uma dada comunidade que permitiria um reconhecimento mútuo entre os membros de uma cultura, a alteridade desloca a visão de indivíduo para a de sujeito afetado pelo inconsciente e pego na rede simbólica.

Dito de outro modo, à luz de uma visão discursiva, é preciso vincular a questão da identidade à inscrição do sujeito em formações discursivas para a produção de sentidos, ou seja, a processos de identificação (identificação imaginá-

ria e simbólica) com um saber discursivo para que as palavras façam sentido. Nessa dimensão, a concepção de sujeito é a do sujeito afetado pela memória e pelo inconsciente.

Os conceitos de identificação simbólica e identificação imaginária são fundamentais para que compreendamos a complexa constituição do sujeito na/pela linguagem. A primeira identificação, a simbólica, tem como componente o significante e o inconsciente de modo que o sujeito se constitui a partir do outro, isto é, a singularidade do sujeito é dada pela marca do exterior, uma marca que nos singulariza e da qual estamos despojados (NASIO, 1995, p. 115).

Serrani-Infante (1998, p. 255) estabelece relações entre a psicanálise e a análise do discurso e afirma que a dimensão do interdiscurso se relaciona com os componentes da identificação simbólica. Segundo a autora “não se trata do eu-falante, mas do sujeito-efeito de linguagem”, um sujeito desejante, significado a partir da produção do inconsciente. Nos termos de Chnaiderman (1998), para que ocorra o reconhecimento do eu com a imagem, é preciso que ele esteja imerso em uma estrutura simbólica.

Dessa maneira, analisar as antologias que constroem representações culturais sobre o Brasil implica que deixemos de lado comparações entre visões individuais e dos brasileiros como um todo ou ainda em uma análise de traços comuns à brasilidade. Compreender a alteridade discursiva implica considerar que a identidade é contraditória (uma unidade dividida em si mesma) e mobiliza posições do sujeito. Isso porque são as posições dos sujeitos inscritos em diferentes formações discursivas que, em última instância, refletem, no discurso, as posições ideológicas e determinam seus sentidos, de modo que a ideologia produz um efeito de evidência e de naturalização do dizer.

Com efeito, na abordagem das antologias, não se trata de determinar características de um povo tido como um bloco único e homogêneo, mas sim é preciso experimentar o exercício analítico de compreender que, mesmo dentro de um mesmo grupo social e cultural, existem diferenças e pontos de vistas divergentes.

Uma vez que a *alteridade* precisa ser entendida como heterogeneidade enunciativa que remete ao discurso-outro simbólico, conforme Authier-Revuz (1990, p. 26): “é heterogeneidade mostrada (discurso do outro encenado pelo enunciatador e do sujeito encenado como de um outro) e é heterogeneidade constitutiva (discurso do sujeito aquém deste, que o desestabiliza, lhe escapa ao controle consciente)”. Dessa forma, o sujeito retoma sentidos preexistentes e negocia diferentes vozes no interior de seu texto. Isso se dá tanto pelo discurso do outro posto em cena pelo enunciatador quanto pela interdiscursividade¹ que desestabiliza o controle dos sentidos.

ENTRE UMA MEMÓRIA (ARQUIVO) E O INTERDISCURSO

As antologias como discursividades mobilizam o tempo todo a questão da interpretação. Mas, se o sujeito tem memória, esta se constitui discursivamente na/pela linguagem quando ensaístas tomam a palavra de um lugar específico. Interpretação aqui envolve a história. A interpretação, nessa perspectiva, “não é

¹ A questão dos eixos horizontal e vertical do dizer, o intradiscurso e o interdiscurso, respectivamente, tem respaldo em Pêcheux (1988). Assim sendo, há, de um lado, a formulação (onde o sujeito intervém) e, de outro, o eixo da constituição dos sujeitos e dos sentidos.

mero gesto de decodificação de apreensão de um sentido” (ORLANDI, 1996, p. 67). A interpretação se faz entre: 1. uma memória institucionalizada (a do arquivo), ou seja, “discurso documental, institucionalizado, memória que acumula” (ORLANDI, 2001, p. 59), e 2. a memória discursiva (interdiscurso) que “se estrutura pelo esquecimento [...] na relação língua e história, e em que trabalham a ideologia e o inconsciente” (ORLANDI, 2001, p. 59).

Nesse sentido, a coletânea *Nenhum Brasil existe* (ROCHA, 2003) tem a ver com o funcionamento do discurso que se produz dentro dos princípios de indexação, catalogação, seleção de textos, autores, organização de parte ou seções, que constituem uma dada prática da estruturação do arquivo antológico. Dessa forma, entre uma memória-arquivo e o interdiscurso, a antologia funciona como uma organizadora da memória (num sentido de arquivo), em um movimento em que a antologia representa uma materialidade produzida e gerida por certos grupos e instituições que controlam a memória nacional.

Tal distinção entre memória e interdiscurso é relevante para que compreendamos os gestos de documentação/organização de um saber intelectual em relação às antologias. Nesse caso, temos a antologia como arquivo, como atestação dos sentidos, nos termos de Orlandi (2003, p. 15), ou aquilo de que não se esquece (ou não se deve esquecer) na qual falam várias vozes (em espaços divididos) e ao mesmo tempo como memória que se estrutura pelo esquecimento e por lacunas.

Outrossim, a antologia em questão, tomada aqui como arquivo, emerge como construção organizada dentro de princípios de constituição de um inventário de textos sobre uma dada questão.

[...] todo arquivo é resultado do cruzamento de diversos procedimentos de identificação dos documentos que o compõem, seja através de datas, disciplinas, temas e/ou nomes próprios (de lugar, de autor, de instituição) que os alocam dentro de uma ou mais séries arquivísticas (ZOPPI-FONTANA, 2005, p. 97).

NENHUM BRASIL EXISTE: FORMULAÇÃO, CONSTITUIÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS SENTIDOS

Uma vez que a alteridade é da ordem do interdiscurso, ou seja, do domínio da determinação histórica do dizer, vale ressaltar que a antologia *Nenhum Brasil existe* mobiliza, justamente, uma memória relacionada à convivência do Brasil com o outro estrangeiro.

A alteridade cultural se constitui a partir das próprias condições de produção da antologia que se dão na/pela relação do trabalho antológico *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia* com o contexto acadêmico estadunidense (outro-cultural). Em termos de formulação do projeto, a antologia fora publicada inicialmente nos Estados Unidos sob o título *A revisionary of Brazilian literature and culture*, em face dos 500 anos do Brasil, em 2000, e reeditada em uma segunda versão em língua portuguesa, em 2003, intitulada: *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*.

De acordo com Orlandi (2001), há três momentos inseparáveis do ponto de vista da significação da linguagem: constituição, formulação e circulação dos sentidos. Conforme o exposto, as antologias mobilizam justamente essa relação com uma memória que é convocada para a constituição da coleção, memória

que se textualiza na sua formulação da coleção com suas partes ou volumes estruturados, a partir de um dado modo de circulação das antologias em nossa sociedade. Conforme Orlandi (2001, p. 151), “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”.

Explicitando esses processos, com maior cuidado, podemos afirmar que todo dizer tem memória. Nesse caso, é preciso pensar a respeito do eixo de constituição de sentidos, isto é, a dimensão vertical do discurso, ou seja, a relação da antologia com uma rede de formulações. Com efeito, é válido considerar que o interdiscurso (série de formulações já feitas e esquecidas sobre a cultura brasileira) determina o intradiscurso (a formulação do trabalho antológico). Trata-se do intradiscurso como fio do dizer, linearização, a dimensão horizontal do discurso. Se a formulação é constituída pela memória, ela é também atualização dessa memória.

Considerando as especificidades das condições de produção da antologia, *Nenhum Brasil existe* surgiu em meio a uma busca do empreendimento antológico em traduzir para a língua portuguesa um volume que já fora publicado em língua inglesa (panorama da literatura brasileira), durante as comemorações dos 500 anos do Brasil ocorridas nos Estados Unidos, dentre as quais se deu o lançamento de tal trabalho, na biblioteca do Congresso, em Washington, a partir da articulação de autores brasileiros e estrangeiros.

A antologia, em suas versões em língua inglesa e portuguesa, faz circular sentidos fora e dentro do país. Em termos de contexto ideológico mais amplo, a antologia emerge como construção discursiva produzida no espaço entre culturas e nações, numa espécie de trânsito entre sentidos e memórias. A versão na língua inglesa (a primeira) convoca memórias de Brasil produto a ser exportado e mais bem divulgado para o mundo. Esse resgate de uma imagem historicamente construída que se tem de Brasil (exportado, em relação a) constitui todo o processo de aparecimento da antologia como discursividade, e a constituição e circulação de um arquivo antológico.

No nível da circulação, há os diversos modos de distribuição do discurso antológico, considerando-se os meios técnicos (volumes no formato de enciclopédia, obras de extensões menores, coletâneas de ensaios compilados-obras clássicas ou textos encomendados a pensadores ou professores de renome), as formas de divulgação – 1. institucionais, a partir de institutos de cultura, consulados, ministérios; 2. acadêmicas, a partir dos programas de pós-graduação, trabalhos publicados, congressos, eventos, palestras nos quais os trabalhos são lançados; 3. as entrevistas dadas a jornais, revistas, *sites* na internet pelos organizadores; 4. ensaios críticos ou resenhas comentadas sobre a obra publicados na mídia; 5. a própria internet permitindo a divulgação a partir de *sites* editoras, blogs, fóruns de discussão, comentários *on-line* sobre a antologia; e 6. as editoras que fazem um trabalho de divulgação das antologias, fornecendo dados dos autores, além de uma sinopse da obra.

O GESTO DE NOMEAR A OBRA: PROBLEMATIZAÇÃO DO TÍTULO DA ANTOLOGIA

Como base na contradição como constituinte de uma cultura, é preciso compreender a constituição da alteridade cultural brasileira relacionada ao gesto de nomear (gesto de interpretação) do sujeito-organizador, em língua portuguesa,

com os sentidos conflitantes provenientes do interdiscurso que apontam para representações de Brasil vazio e completo, tendo-se em vista a voz do outro.

Já a versão em língua inglesa *A revisionary of Brazilian literature and culture* coloca em cena uma outra posição-sujeito na medida em que a palavra revisão ressoa explicitamente na antologia em língua inglesa no sentido de tanto valorizar a cultura brasileira que, no olhar do estrangeiro, mereceria um volume dedicado a ela quanto no sentido de fornecer um panorama àquele que tem interesse sobre o país (mobilizando uma imagem de leitor estrangeiro que busca informações maiores sobre o Brasil).

A contradição se instaura na própria tentativa de a antologia pretender ser um arquivo (conjunto de textos) e contar com o esforço de seu organizador. Se há a emergência do arquivo como acúmulo, completude e fechamento, temos, pelo funcionamento do interdiscurso, a filiação do sujeito-enunciador a um saber discursivo no qual se constrói uma representação da lacuna e da impossibilidade para o Brasil e também para a escrita de histórias culturais.

SD (1) *A essa altura, imagino já estar clara a seguinte impossibilidade no tocante à escrita de histórias literárias e culturais, o resultado será sempre lacunar; pois nunca daremos conta de um Brasil que não existe* (ROCHA, 2003, p. 31).

Outrossim, o gesto de nomear (GUIMARÃES, 2000) *Nenhum Brasil existe* também é uma forma de (in)determinação particular produzida pelo pronome indefinido *nenhum* que, de acordo com Serrani (1993), produz um efeito de determinação, mas em meio ao esvaziamento. A contradição mais uma vez se instala, já que a própria existência do Brasil é determinada, entretanto, por um pronome “nenhum” que produz um efeito de esvaziamento, além de carregar um sentido negativo.

A antologia como processo de nomeação se constitui a partir do esvaziamento de sua identidade, de modo que o sujeito-autor é constituído por uma alteridade, isto é, uma memória que traz à baila sentidos de país que ainda não é nação, e que é, portanto, fantasma, ou ainda país que não chegou lá e que ainda é vazio e marcado por lacunas. A imagem de Brasil discursivamente construída, assim como o próprio projeto antológico-fantasma, aponta para esse vazio.

NAS TRAMAS DO ENSAIO INTRODUTÓRIO

O ensaio introdutório assinado por João Cezar de Castro Rocha, o organizador da obra, responsável pelo controle da dispersão de texto, está sendo tomado aqui como um metatexto que comenta e discute as seis seções nas quais se dividem os 88 ensaios que compõem a antologia, ancorando-se em uma reflexão a respeito do país problematizado nesse ensaio.

Se um locutor-editor garante a unidade da obra, há que ter em vista que *Nenhum Brasil existe* é marcada por uma dispersão e se representa discursivamente como um mosaico de vozes, de textos e de perspectivas a respeito do Brasil, em meio à materialidade concreta do alentado volume que se constrói como unidade, na perspectiva documental. Em relação à função-autor, essa é agenciada por um locutor-organizador do projeto que, ao mesmo tempo que discute a obra, fala da problemática evocada pelo título *Nenhum Brasil existe*, dialogando com um leitor cuja imagem é associada à reflexão sobre o Brasil e a uma espécie de diálogo compartilhado (o leitor é um cúmplice nessa reflexão).

Pensar a alteridade discursiva a partir da antologia de ensaios culturais sobre o Brasil nos exige trazer o inconsciente e o discurso dentro de tal abordagem. Em outras palavras, é preciso ter em mente o fato de que o sujeito-organizador da coleção não é fonte intencional de um sentido que lhe seria transparente, ou seja, aquilo que é dito sobre o Brasil tem uma espessura semântica e relaciona o sujeito com a história e com a ideologia.

Primeiramente, olhando para textualidade do ensaio introdutório, espécie de apresentação da antologia, é válido destacar uma representação (imagem) para a escrita de histórias literárias e culturais como *impossibilidade, como resultado lacunar*, na medida em que o organizador se posiciona a partir de marcas formais negativas (não, nunca), utilizando, para tanto, uma forma do *nós* inclusivo, a partir da formulação “*nunca daremos conta de um Brasil que não existe*”, numa espécie de diálogo com um leitor imaginariamente construído como um *sujeito que quer dar conta do Brasil* (que reflete, que problematiza).

Nesse caso, a identidade nacional se constrói a partir da repetição de itens ou construções linguísticas ao longo da obra, de modo que são reiterados sentidos de que o Brasil não existe, é signo vazio, à espera de definições. Assim sendo, vale a pena analisar algumas marcas linguístico-discursivas recorrentes no início do ensaio introdutório que funciona como uma apresentação não somente da antologia, mas do próprio Brasil colocado como referente do discurso.

SD (2) No trabalho dos mais importantes “pensadores” do Brasil reaparece a perturbadora contradição drummondiana: seus textos desenvolvem o que já denominei de “arqueologia da ausência”. Embora busquem definir a brasilidade, terminam repetindo o artifício da teologia negativa, característica de uma certa hermenêutica religiosa [...]. Os principais pensadores que se dedicaram à tarefa de revelar o propriamente brasileiro do Brasil terminam às voltas com uma melancólica descrição do que o país não foi – moderno, democrático, etc. – do que deixou de ser – igualitário, iluminista, etc. – do que ainda não é – país de primeiro mundo, potência mundial, etc. (ROCHA, 2003, p. 23).

Tomando como base Pêcheux (1990b, p. 169), os processos parafrásticos são “aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”. Nesse sentido, o ensaio introdutório vai justamente produzir diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado: a representação de cultura brasileira como um vazio.

Tal inexistência se perfaz em um movimento em que os efeitos de sentidos apontam para a multiplicidade de interpretações para o Brasil. Se o Brasil é inexistente porque o *Brasil oficial* sufoca o outro *Brasil*, podemos também dizer que o país se constitui a partir de uma identidade incompleta, cujo ponto de ancoragem está na teologia negativa, constitutiva do discurso intelectual brasileiro, denominada pelo autor do ensaio, o organizador da obra, como “arqueologia da ausência”. Ressoam nesses fragmentos as expressões parafrásticas: *perturbadora contradição, arqueologia da ausência, teologia negativa, melancólica descrição*, participando de sentidos dominantes de Brasil como lugar do problema e do vazio.

Nesse caso, o Brasil não existe, o Brasil não foi, não é, está à espera de ser. O autor, nesse caso, recupera, em seu texto, a fim de garantir a progressão e a coerência ao ensaio uma memória relativa à intelectualidade brasileira marcada pela presença de autores e pensadores que descrevem melancólica e negativa-

mente um país. Dessa forma, o pessimismo e a negação são representações dominantes ao longo do texto do ensaio.

Finalmente, o autor constrói uma representação contraditória para um discurso documental, como da antologia, que se constitui como lacuna à espera de outras análises nesses vãos de significado, uma representação de antologia-fantasma. A análise de itens lexicais como *fantasmas*, *lacunas*, *novas*, *futuros* e *convite* constrói essa representação de história de cultura como lugar do vazio, a imagem do fantasma, desloca sentidos de antologia como volume concreto, arquivo que conserva e permite o não esquecimento. Vamos às formulações do organizador da antologia.

SD (3) Como esta coletânea se destinava originalmente ao público de língua inglesa e era a primeira vez que se fazia uma apresentação tão abrangente da literatura e da cultura brasileira nessa língua, lacunas eram (e permanecem) inevitáveis [...]. Que sejam bem-vindos outros futuros volumes, pois só nos resta conjurar fantasmas com outros fantasmas, isto é, as histórias de cultura que escrevemos (ROCHA, 2003, p. 31).

Vale ainda destacar as marcas de heterogeneidade marcada (formas de alteridade) a partir das quais Rocha (2003) delimita um espaço para outras vozes como as de Sérgio Buarque de Holanda e Antonio Candido para garantir um efeito-verdade ao seu texto que toma e retoma sentidos de que o Brasil é incompleto e vazio.

SD (4) Desde a difusão do vocábulo, ser brasileiro é literalmente uma espécie de estrangeiro para si mesmo, um hóspede alheio – “uns desterrados em sua terra” – na formulação paradoxal e definitiva de Sérgio Buarque de Holanda [...] (ROCHA, 2003, p. 24).

SD (5) Na introdução à Formação da literatura brasileira, Antonio Candido argumenta que uma literatura como a do Brasil necessita de um contato permanente com literatura estrangeiras para não correr o risco de perder-se num inevitável provincianismo (ROCHA, 2003, p. 27).

SD (6)) Seria interessante associar a noção de antropofagia à pesquisa de Luiz Felipe de Alencastro, como estratégia de superação ou ao menos de problematização da “teologia negativa” (ROCHA, 2003, p. 26).

SD (7) Intuição que Oswald de Andrade já havia arranhado com sua inteligência relâmpago e cujas conseqüências mais radicais ainda não soubemos enfrentar. Ao contrário da teologia negativa, marcada por uma certa melancolia – afinal, seu propósito secreto era nada menos que desvelar a essência da nacionalidade – o gesto antropofágico, partindo da necessária presença do outro, pode transformar alegremente o tabu em totem (ROCHA, 2003, p. 26).

As expressões sintáticas “como estratégia de superação ou ao menos de uma problematização da teologia negativa” ou “a antropofagia enquanto conceito de estratégia cultural ofereceu um modelo de diálogo – o banquete antropofágico – para a interpretação” funcionam como formas implícitas da inscrição do outro no discurso de Rocha. Assim, na forma do discurso indireto as vozes de Oswald

de Andrade e Alencastro são trazidas para cena, a partir de uma tentativa de negociação no texto das vozes polêmicas que significam o Brasil.

Vale destacar que martelam sentidos de mescla entre o eu e o outro na construção de representações da identidade nacional. Considerando as formas parafrásticas (semanticamente equivalentes) que nos definem na cadeia do discurso: *estrangeiro para si mesmo, uns desterrados em sua terra, necessária presença do outro, o outro como se fosse próprio*, numa análise intrainterdiscursiva, podemos notar a retomada de um já-dito constituinte da nossa memória discursiva: ser brasileiro é ser um pouco de outro lugar, é ser estrangeiro.

Nesse caso, podemos destacar que as marcas formais apontam para explicações e predicções que designam a antropofagia (a devoração simbólica do outro) não como provincianismo ou marca de uma ausência, mas como alegria e problematização da negatividade. Ser brasileiro é devorar o outro e é isso que desloca um sentido de negatividade atribuído para nossa identidade. Deixamos de ser vazios, a partir da completude propiciada pelo estrangeiro, pelo outro. E o fazemos alegremente.

Esse gesto de incorporação do discurso-outro produz seus efeitos não somente em relação ao título da obra, como também em relação ao projeto antológico como um todo. A filiação a Drummond, na versão em língua portuguesa, funciona como uma maneira de legitimar, a partir de uma voz de autoridade, uma dada representação de esvaziamento da identidade nacional.

SD (8) De um poema de Drummond de Andrade veio a inspiração para este volume. O poema intitulado “Hino Nacional” encena a reconstrução de diversos esforços de constituição simbólica do país. Nos seus versos finais, entretanto, o próprio “Brasil” surge e, como uma impossível coisa-em-si kantiana, resiste a todas as tentativas de apreender a sua essência: “O Brasil não nos quer! Está farto de nós! Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil. Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?”. Não se pode ignorar o paradoxo. O Brasil não existe, mas é o mesmo Brasil que se rende às tentativas de traduzi-lo em substanciais volumes de história literária e cultural, como por exemplo, Nenhum Brasil existe (ROCHA, 2003, p. 17).

Em termos de tensão de sentidos, a construção discursiva da representação do país está atrelada à problemática do jogo entre existir/não existir, ou seja, a partir de uma contradição de um país, traduzido pelo/no modo enciclopédico, mas que se revela como não existente, como vazio.

Considerando, nesse caso, o jogo entre a não existência do Brasil e sua “concretude”, no fragmento “O Brasil não existe, mas é o mesmo Brasil que se rende às tentativas de traduzi-lo em substanciais volumes de história literária e cultural, como por exemplo, *Nenhum Brasil existe*” destaca-se a conjunção adversativa *mas* que articula a negação da existência com a produção de uma coletânea, que é arquivo e por isso tem o poder de organizar discursividades, dando corpo e “fazendo” existir, em meio à completude, um país representado discursivamente como ausente.

Nesse sentido, podemos citar Orlandi (1999, p. 43) para quem: “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea em relação com outros dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória”. Dessa maneira, num movimento tenso de produção de sentidos, a representação de Brasil vazio defronta-se com a representação de Brasil

completado pelo outro, de modo que, a partir dessa ausência, da falta de originalidade, de recursos e estruturas, é que o outro nos completa, desfazendo o efeito da ausência.

Assim sendo, a partir de uma imbricação entre o eixo interdiscursivo¹ (a dimensão da interdiscursividade constitutiva de todo dizer) e o eixo intradiscursivo (dimensão da formulação da obra), a alteridade cultural brasileira se constitui não como uma simples oposição de binarismos tais como o Brasil é vazio ou o Brasil é completo, ser brasileiro é ser puro ou ser brasileiro é ser em partes estrangeiro, mas sim como um espaço do sujeito afetado pela determinação sócio-histórica do dizer por memórias discursivas contraditórias (SERRANI-INFANTE, 1998, p. 245).

Nessa tensão entre a falta e a completude, a identidade nacional se produz nas lacunas de uma história e de um país que ainda não deu certo e na presença do outro que o completa. A própria antologia é uma materialidade concreta que também reporta a esse jogo do vazio e de incompletudes, constitutivos da memória, estruturando-se, no entanto, a partir da concretude e do fechamento delimitados pela memória do arquivo.

OLHAR FINAL

Na análise da antologia *Nenhum Brasil existe*, pode-se dizer que o desafio de compreender a problemática da alteridade cultural nos exige deslocamentos conceituais em relação à visão de identidade: é preciso superar uma visão de identidade como uma completude constitutiva, em termos de linguagem, consciência, atos etc. relacionados aos brasileiros e compreender a identidade como lugar da falta e da divisão do sujeito (consciente e inconsciente).

E, de fato, temos, nesse caso, um arquivo que se organiza a partir de um evento comemorativo, os 500 anos de Descobrimento, visto que a antologia assume contornos de arquivo ou de campo de documentos “pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, conforme Pêcheux (1999, p. 56), mas que se desestabiliza a partir dos sentidos contraditórios inscritos no interdiscurso.

Nenhum Brasil existe representa essa possibilidade de institucionalização de uma memória que é arquivo (memória institucional), em meio a um jogo no qual, embora a memória, num gesto de controle e de organização institucional de intelectuais, universidades e editoras, emerge como completa e totalizada, produz-se na contradição e na falha.

Nesse aspecto, a alteridade como espaço delimitado ao outro constitui processos de identificação na construção antológica, a partir da voz de autores pertinentes ao domínio da literatura que produzem um efeito de verdade na obra, mas devem-se considerar também os deslocamentos da representação de vazio para uma representação da completude no outro. Com efeito, a identidade nacional constrói-se a si mesma como unidade contraditória inscrita na memória.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990.

- CHNAIDERMAN, M. Língua(s), linguagens-identidade(s), movimentos. Uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 47- 67.
- GUIMARÃES, E. *Sentido e acontecimento*. Um estudo do nome próprio. Campinas: Unicamp, 2000. Mimeografado.
- LACAN, J. *O seminário: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- NASIO, J. D. *Lições sobre os 7 conceitos cruciais de psicanálise*. Tradução V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. *Interpretação*. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. São Paulo: Vozes, 1996.
- _____. Identidade lingüística escolar. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua (gem) e identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 203-212.
- _____. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- _____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: _____. (Org.). *Por uma enciclopédia discursiva da cidade*. Campinas: Pontes, 2003. p. 7-20.
- _____. Análise de discurso. In: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem – discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006. p. 33-80.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- _____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990a.
- _____. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; TAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990b.
- _____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.
- ROCHA, J. C. de C. (Org.). *Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- SERRANI, S. *A linguagem na pesquisa sócio-cultural*. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. Identidade e representação do Brasil em antologias poéticas bilingües. In: CORACINI, M.; GRIGOLETO, M.; MAGALHÃES, I. *Práticas identitárias em lingüística aplicada*. São Paulo: Parábola, 2006.
- SERRANI-INFANTE, S. *Discurso e aquisição de segundas línguas: proposta Are-da de abordagem*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. (Coleção Ensaios).
- _____. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 231-261.

ZOPPI-FONTANA, M. G. “Arquivo jurídico e exterioridade”. A construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, E.; BRUM DE PAULA, M. R. (Org.) *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005.

_____. En los márgenes del texto, intervalos de sentidos en movimiento. *Páginas de Guarda-Revista de Lenguaje, Edición y Cultura Escrita*, v. 4, p. 11-39, 2007.

DIAS, L. C. F. *Nenhum Brasil existe: contradiction and difference in the constitution of senses about identity of Brazil*. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 100-111, 2011.

Abstract: Taking in account the problematic concerned with representations of cultural identity of Brazil, in this paper, I will focus on discursive analysis of an anthology of essays, inside of academical-intellectual sphere, Nenhum Brasil existe: pequena enciclopédia (ROCHA, 2003) produced in the face of 500 years of discovery of Brazil. Considering the linguistic and historical materiality of this intellectual production, this article search to reflect upon issues about identity and difference, in the constitution of brazilianness from intellectual discourse in view of: 1. conflicts of a brazilian cultural identity marked by empty that be completed by foreigner; 2. the problematic tension between archive memory and the interdiscourse that destabilizes the representation of unity and concreteness of the work, highlighting contradictory senses inscribed in the memory.

Keywords: anthologies of essays; memory; national identity's representation.